

*IN MEMORIAM*

Professor Doutor José Augusto Miranda Mourão  
(1947-2011)



Deus, doem-nos as palavras  
dói-nos a voz para dizer  
que o nosso irmão deixou de  
estar no meio de nós

dá-nos a força  
para atravessar esta hora de lágrimas  
e a ele a estrada  
que percorreu como um cavalo alado  
vagabundo e livre

reveste-o da intensidade e da alegria  
que lhe marcava o porte o rosto

José Augusto Mourão in *O Nome e a Forma*

*Entre mundos, a sedução do real em José Augusto Mourão*

Falar de José Augusto Mourão escapa a qualquer fórmula circunstancial, tal como a sua vida não se circunscreve por enquadramentos redutores: com duas vidas, a teologia e a semiótica, entre dois mundos, o de pertença aos dominicanos e o de académico, é sobretudo o Homem e o esteta dotado de uma curiosidade invulgar pelo que o rodeia, na procura da verdade, o amor ao estudo e ao estar-se com, intimidativamente tímido naquela “alegria-triste” que convocou para si, e palavra-chave com que se auto-nominou.

Membro do Comité executivo da Associação Internacional de Estudos Semióticos (desde 1999), Coordenador do Grupo de Trabalho (GT) de Semiótica (SOPCOM) (2009). Professor Associado com agregação na Universidade Nova de Lisboa, membro do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem (CECL), Presidente do Instituto S. Tomás de Aquino (ISTA). É autor de *O Mundo e os Modos da Comunicação* (Minerva, 2006); com Maria Augusta Babo: *Semiótica. Genealogias e Cartografias* (Minerva, 2007). *O Nome e a Forma*, Lisboa, Pedra Angular, 2009. *Textualidade Electrónica Literatura e Hiperficção* (Vega, 2009). (dir.) *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições em Portugal*, juntamente com José Eduardo Franco e Ana Cristina Costa Gomes (Gradiva, 2010).

Autor de uma vasta obra – *Quem vigia o vento não semeia*, é o livro ainda no prelo –, refira-se a particularidade da sua produção em “double-bandê”, a escrita resultado da investigação

académica e a criação literária não académica: a hiperficção é um dos seus mais intensos labores, mas os textos para música litúrgica, a homilética e a investigação na área da cultura ocupam igualmente um papel muito importante na sua vida. Dividido entre estes mundos, e em diálogo entre eles, conviveu e estudou com gente da Semiótica, A. J. Greimas, P. A. Brandt, P. Fabbri, F. Genyut e F. Martin, e da Teologia, D. Chenu, J. Ducquoc, mas ainda da História e Filosofia das Ciências, Ana Luísa e Estela....

José Augusto Miranda Mourão, nascido a 12 de Junho de 1947, em Lordelo, Vila Real, Portugal, ainda jovem seminarista parte para o Porto a fim de frequentar o Curso Superior de Teologia no Instituto Superior de Estudos Teológicos, onde conhece e priva com o célebre Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, que de imediato lhe reconhece o espírito rebelde e as qualidades de esteta. Mais tarde, também Frei Bernardo Domingos e Frei Mateus Peres terão um papel decisivo ao levarem-no a enveredar pela vida comunitária nos dominicanos. Acabara de escolher a família com quem iria partilhar a vida, até ao fim. Será na Faculdade de Teologia de Lyon que, em 1977, conclui a licenciatura em Teologia, nos domínios da Semiótica textual, entre 1985-1990 desenvolve investigações que o levaram à apresentação da tese de doutoramento em Línguas e Literaturas Modernas, subordinada ao título *Para uma semiótica literária. Paixão, discurso, nos Trabalhos de Frei Tomé de Jesus*. Já exercendo actividade docente desde 1981, defende um doutoramento em Teoria da Literatura que o vincula desde 1991 à Universidade Nova de Lisboa, onde em 1999 obtém a Agregação em Semiótica.

Dotado de um inconformismo radical, e atraído pela questão da linguagem e a paixão pela palavra, distanciando-se do espartilho da Escolástica, é na análise estruturalista da narrativa que encontra o método de estudo da Bíblia na perspectiva da Semiótica, um campo, à época, praticamente inexplorado e a desbravar, pelo que de imediato adquire a consciência de que era por ali que queria caminhar, era esse o caminho que iria percorrer, sujeito ao rigor do estudo e sujeito da entrega à paixão.

É então que, entre 1988 e 1990, frequenta, em Paris, o Seminário organizado pela Universidade de Paris VIII e a Escola dos Altos Estudos, sob a direcção de Jean Petitot e Jean-Claude Coquet, em torno do estruturalismo dinâmico. E, simultaneamente, segue as jornadas de Semântica Geral, orientadas por A. J. Greimas e Paolo Fabbri, em torno das questões do sujeito, das paixões e da enunciação, tendo frequentado ainda o Seminário

sobre Filosofia das Formas Textuais no Instituto Católico de Paris, orientado por Francis Jacques.

Actor (salvé, Greimas) atento da sua temporalidade, actuando por uma predilecção ousada em territórios limite, balizando entre a hipertextualidade e as questões da ética e da literatura, e na confluência das abordagens ao campo da cultura e da semiótica, expressa a sua afinidade a Umberto e Eco e a Paolo Fabbri, que reencontra no ano passado de 2010 em Veneza: «per l'amico e collega e per il ruolo importante che ha svolto nella ricerca semiótica» (P.Fabbri).

No entendimento da Bíblia como literatura e não como Palavra de Deus, em leitura metodologicamente guiada do «Texto dos textos» – «*A leitura dos textos há-de ser branca*» –, torna-se num controverso protagonista da polémica em torno do Nobel da Literatura, José Saramago.

*A Leitura como Aventura* é o artigo publicado no *Jornal das Letras* (JL) em Novembro de 2009, e anunciando a objectividade da sua perspectiva na Conferência que proferirá no Centro Cultural Dominicano, a 16 de Janeiro de 2010, *Literatura e Bíblia. O Caim de Saramago*:

«A Bíblia não é apenas o código, o arquivo, o fio vermelho que atravessa o tecido de todos os textos, com a função de decifrar uma literatura que cada vez se afasta mais dela. É imperioso afirmar a produtividade dos textos contra a tendência que leva a considerá-los como depósito inerte. .... O original nunca está imóvel. Nenhum texto evita a tradução, a glosa, a deriva interpretativa. O texto fala-me, mas nunca saberei o que resultará do meu encontro com ele. Não há leitura que não seja uma aventura arriscada. ... Não se peça aos textos iterados uma receita, um analgésico, o previsível: um texto que não obriga a deslocar-se, que não desenhou uma interrogação com um travesseiro, não é um texto.» (MOURÃO, 2009)

Já aquando da sua intervenção no debate em torno de um outro texto, *O Evangelho*, é nestes termos que o próprio José Saramago, no *Diário* de 1994, a 10 de Outubro, escreve sobre Mourão:

«José Augusto Mourão, que é universitário e dominicano, analisa o Evangelho de um ponto de vista ao mesmo tempo «teológico» e «académico», mistura que chega a ser fascinante,

pois tive de perguntar-me algumas vezes quem estaria escrevendo, se o professor ou o monge. Por todos os motivos, não me atreveria a discutir com ele: o livro sabe mais do que eu, que se defenda...agradecido, sim, transcrevo o último parágrafo do artigo: «Aos cães do Senhor (mesmo os dominicanos) não compete ladrar à lua de um texto imóvel, fetichizado (*noli me tangere*) que sangraria porque o tocávamos. A sua função é a crítica, não a ordália. É porque reconhecemos que há interferências entre este tipo de discurso e o discurso crente, que devemos argumentar, dialogar, estabelecendo a boa distância que a crítica instaura para que a iniciativa semântica não nos esteja já no bolso e nada pudéssemos receber do nosso interlocutor. A partilha das vozes é necessária, pese embora isso às castas do poder sacerdotal e teológico. Transportamos uma memória, sem dúvida. Mas a memória suscita um corpo, um contexto sensível onde dizer-se. E é esse contexto que exige uma palavra nova. E não há palavra nova que não venha marcada pelo fogo ou pelo vento.>> (SARAMAGO, 1994, pp.140-141).

É esta a ressonância do diálogo de Mourão com alguns escritores contemporâneos (para além de Saramago, Torga, Maria Gabriela Llansol, Vergílio Ferreira, Eugénio de Andrade ou Marguerite Duras, Célan, Beckett, Proust...) ao mesmo tempo que procede à leitura de objectos semióticos mais afins às ciências da comunicação, problemáticas dotadas de uma textura aberta a fruições e hipóteses interpretativas: «O meu maior prazer vem daquilo que partilho com quem se preocupa com as coisas deste mundo e do outro que não vemos. Não perder o anel, esse é o desígnio. O resto é literatura.» (MOURÃO: <http://triplov.com/map/somos/jose.html>)

Um dos seus interesses mais recentes centra-se em torno do que chegou a intitular num ciclo de conferências no ISTA *A Tirania da Imagem*, e sequencialmente a semiótica da moda vai ampliar o campo das suas indagações, na linha dessa atracção pelo híbrido, território de contaminações profícuas, de contágio e trânsito, de mutação, por excelência...De um dos seus últimos escritos posso transcrever:

«É a primeira vez que falo (escrevo) de moda porque é o tópico e o contexto que nos reúne. Gostaria de levantar três tipos de questões: que fronteira separa (ou liga) o corpo e a roupa, que é um actor criativo, que relação entre a moda e a comunicação. Falarei enfim da linguagem dos perfumes.» (MOURÃO, 2011, p.1)

Fiquei a ler o seu texto, buscando na obscuridade a luz, perguntando e parafraseando um outro poeta, ...e agora, José?

«Somos todos órfãos afinal», respondera-me já um dia José Augusto.

Margarida Anjos Amaro

Mourão, José Augusto

2011 *A moda – uma retórica (quase perfeita) dos sentidos? interações e interpaixões*, inédito, Lisboa.

2009 *Leitura como aventura*, *Jornal das Letras* nº1020 de 4 a 17 de Novembro de 2009.

2009 *O Nome e a Forma*, Pedra Angular, Lisboa.

Saramago, José

1994 *Cadernos de Lanzarote, Diário – I*, Caminho, Lisboa.

### *Quem Vigia o Vento Não Semeia*

*Quem Vigia o Vento Não Semeia* é o título do último livro de José Augusto Mourão. Com ele fica uma advertência aos seus contemporâneos ou, pelo menos, àqueles que, querendo lançar uma semente no presente, não hão-de preocupar-se demasiado em acautelar para onde sopra o espírito dos tempos. Assim é a actualidade intempestiva deste livro de homílias de José A. Mourão. As interrogações que lança ao presente não apenas desarranjam algumas das nossas respostas como fazem também parecer frívolas algumas das nossas questões. Professor universitário, investigador e frade dominicano era, à data da sua morte, director da Revista de Comunicação e Linguagens. Sendo este o seu terceiro livro de homílias, e apenas um título mais no conjunto de uma obra diversificada, nas áreas da teoria da literatura, da semiótica, da cibercultura e da poesia, não deixa de ser um muito justo retrato final do seu discurso, isto é, da vida e da palavra que o animavam e que compunham, na sua concepção, uma mesma realidade.

Que a palavra é viva e que a vida só é verdadeiramente vivida como experiência inscrita e sedimentada nos corpos é, com efeito, uma convicção profunda de José Mourão. Em *A Palavra e o Espelho* (2000), o seu primeiro livro de homílias, dizia já que «nós somos

corpos saturados de texto», na medida em que «a História, o amor, a violência, o tempo, o trabalho, o desejo» se inscrevem precisamente em nós, transformando-nos em corpos marcados e inscritos pela vida. Do mesmo modo, pode dizer-se, a vida é precisamente essa realidade encarnada e tecida pelo discurso, mesmo no mais indizível do nosso corpo e da nossa *psiqué* – como, por exemplo, no caso dos afectos. Esta convicção de que somos, mesmo nessas zonas limites da linguagem, escritura ou texto, está por todo o lado na obra de José Mourão (da poesia, ao ensaio e às homilias). Ora, a convicção de que é a palavra que nos faz ser tem pelo menos duas grandes radicações entre nós: a radicação teológica de um Deus que é verbo; e a radicação propriamente logocêntrica de uma razão que se entende como discurso (*logos*), e que encontra na semiologia e na teoria do texto modernas formas eminentes dessa tradição.

A ideia de que somos tecitura e texto é portanto uma ideia comum à Bíblia e à Semiótica, que são também próximas, por sua vez, na forma mais ambígua como acomodam a questão da imagem, embora concordem ambas na necessidade de expressão ou de encarnação do sentido, o que é um legado do cristianismo. Não surpreende pois que, à semelhança de muitos outros autores da teoria da linguagem e da literatura, a possibilidade de uma semiótica da Bíblia tenha interessado especificamente a José Mourão. Com os seus relatos, parábolas e imagética, como género literário e como texto religioso, os Evangelhos pedem leitura, exegese e apropriação. Pedem à palavra que persuade e que germine no coração daquele que a escuta. Daí a parábola do semeador, tão cara à prática evangélica, que também José Mourão refere neste seu livro. A palavra de Deus quer pois ser acolhida por um receptor, mas quer também germinar, ser poética ou criativa. A religião, que é, por excelência, a tradição da ligação, ensina-nos desde sempre a ligação essencial que existe, antes de mais, entre escritura e leitura, como algo que subjaz à emergência do sentido, à concretização da autoridade da palavra e também ao seu potencial criativo. Na celebração da missa católica, o momento das leituras e da homilia é nomeadamente um momento de grande importância. Esta ligação essencial entre escrita e leitura, que toda a tradição exegética e hermenêutica alimentou, reclama, é certo, no contexto secular da modernidade, uma nova liberdade e plasticidade, fazendo proliferar os textos e as vozes, mas não deixa de permanecer, no essencial, actividade de ligação, no limite, tecitura de uma espécie de texto único embora ilimitado, que muitos chegam por isso a considerar sem exterior. Esta ligação entre escrita e leitura ou esta tecitura a várias vozes de um único texto sem fim chama-se, hoje, intertextualidade ou hipertextualidade.

A leitura e a escrita foram as ocupações principais de José Mourão, a intertextualidade, a sua metodologia de eleição, o hipertexto, o objecto da sua última curiosidade e investigação, e a ligação, a sua tarefa de sempre. Foi com estas armas, e com o seu uso erudito que construiu, como diz José Tolentino Mendonça, «a ópera magna da sua existência: a impressionante ponte (apetece escrever a “impossível ponte”) que ele, quase marginalmente, desenha entre o campo da fé e o da razão, entre a liturgia e a poética, entre a regra e o desejo.» (J. Tolentino Mendonça, 2010). A intertextualidade, como matriz teórica, como metodologia e prática é o que permite o diálogo rico e produtivo entre todas estas dimensões da sua obra e, principalmente, entre fé e razão, sem apagar as tensões entre elas, sem operar falsas sínteses nem meras contaminações. Conforme testemunham os seus textos teóricos e também a memória da sua prática académica, nomeadamente das suas aulas, José Mourão não era nunca confessional na teoria, do mesmo modo que, conforme testemunham as suas homilias e a sua vivência religiosa, não era, por sua vez, doutrinário na fé, procurando antes dar dela o seu testemunho, aberto a questões novas, que porventura perturbavam a doutrina estabelecida.

É pois através da intertextualidade que as várias tradições e códigos textuais, do religioso ao literário, do ensaístico à poesia, dos clássicos aos vanguardistas se cruzam numa obra polifónica, que faz uso das ligações sem iludir as fracturas, deixando à vista as suas linhas de composição. A escrita de José Mourão é uma arte das passagens (da citação, da alusão, da referência e do comentário) em que sobressai uma grande cultura religiosa, académica e literária e também uma imagética ousada, que se alimenta destas várias tradições.

Pode dizer-se que a intertextualidade define, não apenas a sua escrita mas também o seu modo de pensar e de viver, enquanto sujeito atravessado pelo discurso da razão, da fé e ainda da poesia. A sua obra mostra as possibilidades efectivas de diálogo entre estas diferentes formas de discurso e a produtividade que resulta desse diálogo, mas permite-nos também detectar a «engenharia» de escrita e os «protocolos» de leitura que uma tal obra mobiliza, ficando marcada por uma notória densidade e complexidade. É esta mesma tensão, entre a libertação de uma certa produtividade do texto, por um lado, e o dispositivo intertextual que a permite, por outro lado, que ele mesmo identifica também no hipertexto e na hiperficção, como modalidades novas de uma textualidade «em expansão, com uma forte componente laboratorial», com muito de «indeterminação», portanto, mas também com um inexorável controlo, procedente nomeadamente da «programação» inerente ao dispositivo digital (J. Mourão, 2003). Como diz, a liberdade de «escolhas» ou de

«bifurcações» que nos são sistematicamente oferecidas por este dispositivo, é aquilo mesmo que permite o exercício do controlo .

Entre razão e fé existe, de algum modo uma bifurcação ou uma divergência inevitável: a divergência entre o discurso da definição e da veridicção e aquele outro da confiança e da crença. Esta diferença não é iludida por José Mourão, encontrando-se aliás exposta nas homilias. Ela não dá lugar, porém, a um discurso dubitativo, nem a uma crise ou suspensão do juízo. Pelo contrário, a diferença entre razão e fé emerge precisamente na medida em que é construído ou reconhecido um espaço intertextual que contém ambas na sua tensão própria. E isso é possível na medida em que a intertextualidade é um espaço virtual, uma espécie de «hipertexto» em que o discurso está (virtualmente) presente em todas as suas diferentes formas. Do mesmo modo que não podemos actualizar todas as suas possibilidades ao mesmo tempo - o mesmo é dizer que o hipertexto não se realiza nunca completamente - não podemos também fazer coincidir, numa mesma palavra, fé e razão. A sua compossibilidade não nos espera pois, no horizonte, como uma realização final da nossa sabedoria, dos nossos esforços ou dos nossos compromissos. Tal não será mis do que uma miragem. A coabitação entre fé e razão no homem é contudo uma virtualidade, ou uma virtude, da qual aliás partimos, pois até as próprias enunciações da razão procedem afinal, elas mesmas, de uma espécie de fé ou de crença originária, nem que mais não seja, a da fé na razão.

Nos textos de José Mourão não encontramos pois falsas sínteses, menos ainda fusões ou hibridações que são, na verdade, movimentos totalmente contrários às operações e à metodologia que pareciam interessar-lhe. As pontes ou ligações que procurou, por vezes quase experimentalmente, são a expressão de uma intertextualidade radical, cheia de linhas de fractura e de arestas, na qual se movia porém com grande à vontade. As homilias, que são em si mesmas um lugar de encontro e de confronto (entre a palavra de Deus e o discurso dos homens), são o género onde mais claramente exercita esta intertextualidade radical e a tarefa de ligação a que ela obriga. Trata-se aí, como ele próprio diz, de fazer a «ponte entre dois mundos, sem abolir nenhum dos pólos que os erguem» E explica: «Cristo não veio eliminar a Terra e impor o Céu. Cristo, e esse é o mistério da Encarnação, veio fazer a ponte entre dois mundos, sem abolir nenhum dos pólos que os erguem. Na Homilia é disso que se deve dar testemunho. É preciso tornar a palavra presente à vida, interactiva» .

A homilia, como palavra intertextual e interactiva permite pois a José Mourão afirmar um estilo muito próprio (que marcava aliás a sua oralidade). Um estilo onde juntar

ou ligar ideias, frases e palavras, não ilude o espaçamento e o contraste que pode haver entre elas. Um estilo que não nos embala, que não inventa fluidez onde há arestas, nem evidência puramente luminosa onde há contraste e «claro-escuro», bem diferente, é certo, da clareza geométrica de um Padre António Vieira, que tanta influência exerceu sobre o género. Quando se recorda a magnitude que os seus Sermões alcançaram no âmbito não apenas religioso, mas também literário e cultural, é forçoso reconhecer que, transformar de modo tão radical a tradição, mesmo que de um género tão aparentemente menor como a homilia, é afinal um gesto de grande significado.

As homilias de José Mourão ensaiam um modo de exegese e de iluminação cheio de contrastes, que mobiliza as escrituras, mas também a literatura, a filosofia, a crítica política e cultural, ou simplesmente o comum das nossas vidas, pois sabe que o nosso balbuciamiento da verdade deve precisamente praticar a interrupção da evidência ou da pseudo-evidência, seja ela qual for. Como diz «todo o saber é essencialmente um saber sobre o inacabamento do saber» (J. Mourão, 2011, 219). Contudo, a sua retórica não é uma retórica fraca, isto é, dubitativa, atormentada ou desalentada. Pelo contrário, é afirmativa, combativa e propiciadora da revelação. A crise do saber é condição da própria epifania, do «adensamento de um universo a partir do deflagrar coisas ínfimas» (J. Mourão, 2011, 219). O seu discurso permanece por isso atento a todos os modos de «absolutização do poder de uma verdade», pois, como diz, «toda a absolutização do poder de uma verdade organiza um Mal. ... Há um desastre da verdade induzido pela absolutização do seu poder» (J. Mourão, 2011, 219).

Num espaço público totalmente secularizado e aumentado, nomeadamente pelos *media* (velhos e novos), cheio de vozes e tribunos, de púlpitos reais e virtuais e, sobretudo de muito ruído, a reinvenção da homilia é um desafio cultural interessante e quase provocador em si mesmo. José Mourão dizia que “a Palavra de Deus é muito mais radical do que todas as outras e, para ser ouvida, precisa de mediações como as homilias» (J. Mourão, 2003). Numa obra que é, pela sua própria diversidade uma «obra provocadora», como reconhece Frei Bento Domingues, e de difícil acomodação, pois como diz também Tolentino Mendonça, «ele nunca foi um criador confortável, nem para o campo católico, nem para os parâmetros da cultura dominante» (Tolentino Mendonça, 2010) as homilias perdurarão talvez no tempo como alguns dos seus textos mais interpelantes, redescobertos e partilhados por novos leitores. Cumprirão assim a sua função principal: a de ser uma palavra que interpela e convoca, de um modo que a mera doutrinação não alcança, pois «há pontos que a verdade não pode forçar: o amor, a comunidade, o colectivo» (J. Mourão,

2011, 219). José Mourão defendia aliás que a própria liturgia devia procurar construir esta comunidade, não apenas persuadindo e convencendo, mas também com base na partilha sensível e dos afectos. Para além de uma palavra combativa, as suas homilias são também uma palavra que constrói essa empatia. Não apenas uma palavra que persuade e convence, mas uma palavra em que nos encontramos e reconhecemos facilmente. “Que desejamos, afinal, deixando de lado os desejos vulgares que não precisam de um Deus para se satisfazerem? Acima de tudo, não morrer, ou não morrer definitivamente; não perder aqueles que amamos – não dizemos que o amor é mais forte do que a morte? Outro desejo: que a justiça e a paz acabem por triunfar. Outro ainda: encontrar alguém que nos ame com bondade”.

José Mourão estará doravante presente apenas na memória daqueles que com ele conviveram e, sobretudo, através dos seus livros. Não sendo iludível a sua ausência, esta não deixa de ser uma presença reconfortante, pois a partilha, a palavra e o texto eram sem dúvida as formas de presença e de vida em que verdadeiramente acreditava. Como disse, partilhando palavras de Gabriela Llansol: «nenhum texto foi ou é apenas texto. Maria Gabriela Llansol di-lo melhor do que ninguém entre nós. O texto é um “vivo”».

Mourão, J. Estela Guedes, M. Estela e Peiriço, N. (orgs.)

1999 *Semiótica e Bíblia*, Lisboa.

Mourão, J. A.

2000 *A Palavra e o Espelho*, Lisboa, Edições Paulinas.

2001 *A Ficção Interactiva. Para uma Poética do Hipertexto*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas.

2003 Entrevista a Maria João Seixas, *Jornal Público*, 8 de Junho

2010 «O Hipertexto como Performance», Maria Teresa Cruz (Org.), *Novos Média - Novas Práticas*, Lisboa, Vega.

2011 *Quem Vigia o Vento Não Semeia*, Lisboa, Pedra Angular.

Maria Teresa Cruz

Directora da Revista de Comunicação e Linguagens

Por meu lado, gostaria de poder expressar a minha admiração pelo perfil singular deste homem notável de cultura e de saber, e manifestar a sensação de que muito ainda haveria a esperar deste exegeta do mundo, em termos de obras e escritos de excelência.

Enquanto meu orientador de Doutorado, devo-lhe a qualidade de saber ouvir e o hábito de não ter receio de discutir, mesmo as matérias mais sensíveis e mais pessoais. O José Augusto sabia que discutir não é apenas dissuadir, que o crente é um carente, que para pensar é preciso pesar, que para gerir é necessário, antes, durante e depois disso, gerar.

Se quiséssemos construir, desconstruir e reconstruir uma espécie de Sociologia da Citação, um dos seus mestres foi sem dúvida o José Augusto Mourão. Para citar, urge conhecer exaustivamente uma área do conhecimento. Citar não se entende aqui no sentido da citação judicial. Citar, para o Prof. Mourão, constituiu apenas um pretexto para criar.

Poeta da prosa, comentador de comentários, crítico incómodo de muitos poderes, músico nas letras e escritor de melodias, semiótico do sentido dos sentidos, Augusto entre os Augustos, tudo isto ele foi.

Assim sendo, a melhor homenagem que podemos fazer-lhe, é admirarmos a sua incomensurável obra. Mas ‘admirar’ significa, entre outras coisas, ‘para olhar’. Olhar, obviamente, de forma seminal, mas também germinal. Com efeito, o melhor serviço que é mister prestar-lhe não será tomá-lo como um mestre definitivo que tudo origina, compõe e dispõe, mas como alguém que nos concedeu sabedoria, no ponto de fusão exacto para actualizarmos em todas as eras vindouras. Trata-se de uma actualização que perpassa, certamente, pela hibridação dos saberes. Só assim o seu pensamento perdurará, *ad eterno*, seja na qualidade comunicativa ou no estilo de aperitivo, cartão de visita ou paratexto, seja na essência substantiva e interventora de um dispositivo para mudar o modo e a moda do mundo, como ele sempre desejou. Façamos-lhe a vontade. Obrigado.

O colega e amigo de sempre e para sempre

Pedro de Andrade